

Autorização concedida a Biblioteca Central pela autora Ana Carolina Canuto Streletcki e pelo organizador do livro Luís Antônio Jorge para disponibilizar o capítulo Narrativas e significados de uma paisagem cultural: Brasília, uma leitura do romance de João Almino: samba enredo, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Referência

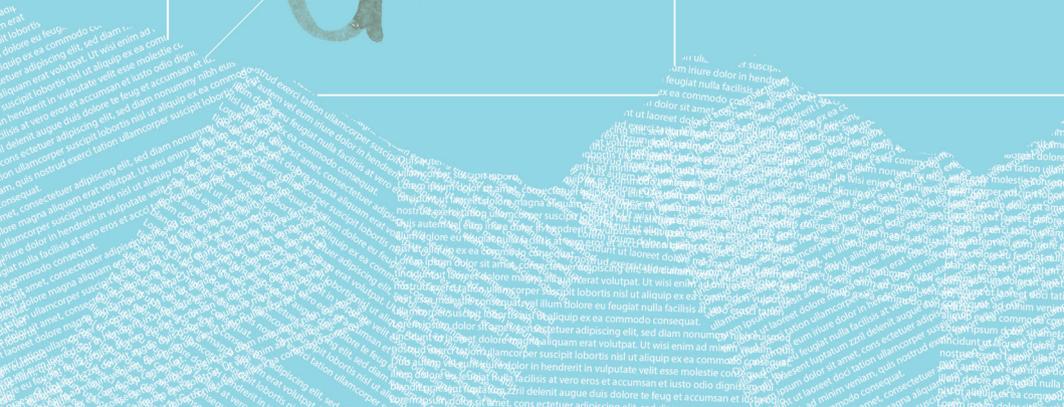
STRELETCKI, Ana Carolina Canuto; MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. Narrativas e significados de uma paisagem cultural: Brasília, uma leitura do romance de João Almino: samba enredo. In: JORGE, Luis Antonio (org.). **II Seminário Internacional Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos**. São Paulo: FAU/USP, 2019.

II seminário internacional

ESPAÇOS NARRADOS

as línguas na construção do
território ibero-americano

u



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPAÇOS NARRADOS:
AS LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

Luis Antonio Jorge
Organizador



FAUUSP
São Paulo, 2019

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPAÇOS NARRADOS AS LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

O seminário propõe discutir as representações dos espaços e territórios ibero-americanos, com destaque para o papel das línguas na constituição dos imaginários, das paisagens e dos seus significados.

A narrativa como forma de reconhecimento, compreensão e proposição de um devir é, portanto, o foco de interesse do seminário: as línguas portuguesa, espanhola e nativas configuram os patrimônios culturais identificados com lugares e sistemas de comunicação de sentimentos, percepções e visões de mundos em trânsito e em diálogo por estes múltiplos territórios.

Conhecer a variedade das narrativas nos seus mais diversos propósitos, meios, suportes e linguagens é uma forma de abordar os significados construídos sobre os lugares ibero-americanos.

Voltemos a nossa atenção para as ações produzidas pela consciência inscrita nas línguas ao se confrontarem com o desafio do conhecimento do espaço, do território, da paisagem e do lugar: descrever,

inventariar, discriminar, ordenar, cartografar, valorizar, eleger, formular, propor, fundamentar, imaginar, visualizar, representar e desenhar.

A viagem é um tema onipresente nos espaços narrados - a própria narrativa é, antes de tudo, viagem – espaços apresentados pela perspectiva do narrador a outrem. As línguas, sejam como instrumentos de representação dos territórios físicos ou imaginados, sejam como atividade do pensamento, são essencialmente viagem: trânsito entre o visto e o imaginado, entre o percebido e o interpretado, entre a forma e o significado, entre a imagem e a palavra, entre a fala e a escrita. E sendo viagem, as línguas são, sobretudo, aproximações.

Com igual importância, na proposta deste seminário emerge um outro tema central: o reconhecimento da valiosa contribuição da literatura para a arquitetura e o urbanismo, para a sensibilização e para o entendimento da nossa sociabilidade, das nossas imensas culturas urbanas, das nossas expressões sobre o morar e o viver, das nossas cidades e da nossa gente.

Livros, revistas e jornais; romances, crônicas e poesias; manifestos, discursos e aulas; relatos, descrições e inventários; mapas, cartas e documentos; pintura, fotografia e cinema – narrativas sobre espaços, narrativas sobre nós mesmos, presentes na arquitetura e no urbanismo.

SUMÁRIO

I - AS CRÔNICAS, OS INVENTÁRIOS E A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DOS LUGARES

- 12 AFETO E LUGAR NAS NARRATIVAS DE ELIZABETH BISHOP
HelioHerbst
- 35 CRÔNICAS E ANÚNCIOS: REVELAÇÕES DA MULHER MODERNA NA CIDADE E NA CASA
Sabrina Fontenele
- 56 NARRATIVAS URBANAS DE AUTORIA FEMININA: AS CIDADES DE CAROLINA MARIA DE JESUS
E CONCEIÇÃO EVARISTO
Isadora C. T. Monteiro
- 74 O SUBÚRBIO É UM FOLHETIM: O RIO DE CLARA DOS ANJOS
Francesca Angiolillo
- 95 UM OLHAR CARTOGRÁFICO SOBRE A LITERATURA: PERCURSOS PELO RIO DE JANEIRO
NA OBRA DE LIMA BARRETO
Juliane Porto C. Medeiros
Ana Elisabete A. Medeiros
- 118 OS BIOGRAFEMAS DE UMA CIDADE-LIVRO NA CARTOGRAFIA MACHADIANA DO
RIO DE JANEIRO
Priscila Fernandes
AndreBalsini
- 146 A BAHIA DE CAYMMI
Lígia Ferreira de Araujo
Artur Rozestraten

- 170 VESTÍGIOS DE ESTRANHA CIVILIZAÇÃO: PERCEPÇÃO DA CIDADE BRASILEIRA NAS CANÇÕES
DE CHICO BUARQUE
Mayra Moreyra Carvalho
- 194 A PAISAGEM URBANA DE SÃO PAULO CANTADA PELA TROPICÁLIA
Vinícius Luz de Lima
- 216 TIA MARGARIDA VAI A BRASÍLIA: HISTÓRIA PARA ALGUÉM CONTAR ÀS CRIANÇAS
Igor Gonçalves Queiroz
- 239 OS ESPAÇOS HISTÓRICO-CULTURAIS CONSTRUÍDOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
ALGUNS EXEMPLOS IBERO-AMERICANOS
Tania RajczukDombi
- 262 O CENTRO EM CONTOS: ESPAÇOS E PERSONAGENS DO CENTRO DE VITÓRIA (ES)
IMAGINADOS POR FERNANDO TATAGIBA
Camila B. Rodrigues Ferraz
- 284 ACIMA DO CÉU, ABAIXO DO CHÃO. MONTESINOS E CLAVILEÑO: O SEM LIMITES
DA ESCRITURA QUIXOTESCA
Gabriel Pedrosa
- 305 O POETA-SISMÓGRAFO E O MITO VAMPÍRICO: TORQUATO NETO NO RIO DE JANEIRO
DOS ANOS 1960-70
Dilton Lopes Almeida Júnior
Ramon Martins da Silva
- 328 ROMÂNTICOS E MODERNOS: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO PELO OLHAR
DOS ESCRITORES BRASILEIROS EM UM SÉCULO DE TRANSIÇÃO (1836-1936)
Solange de Aragão
- II - PAISAGENS CULTURAIS IBERO-AMERICANAS: LÍNGUA, PATRIMÔNIO
E NARRATIVA.
- 347 O NOVO ORBE SERÁFICO BRASÍLICO DO FREI JABOATÃO: AS CRÔNICAS ACERCA DA
ORDEM FRANCISCA EM PERNAMBUCO NO PERÍODO COLONIAL (SÉCULOS XVI E XVII)
Rafael Ferreira Costa

- 369 O MERCADO DE ESCRAVOS DO VALONGO NO RIO DE JANEIRO: LONGOS ESQUECIMENTOS
E ABRUPTAS LEMBRANÇAS.
Rogério Pacheco Jordão
- 392 AS IGREJAS DAS IRMANDADES DOS HOMENS PRETOS E A MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA
NO URBANISMO DA CIDADE DE SÃO PAULO.
Fabricio Forganês Santos
- 413 OS MÚLTIPLOS IMAGINÁRIOS DE SÃO LUIZ DO PARAÍTINGA, SÃO PAULO
Renata Rendelucci Allucci
Maria Cristina S. Schicchi
- 436 GLOSSÁRIO QUADRILINGUE DA ARQUITETURA CURITIBANA: ELABORAÇÃO DE CONCEITOS
PARA A PESQUISA PATRIMONIAL
Emanuel A. Aquino
Giceli P. C. Oliveira
Larissa D. M. Souza
- 455 (RE)DESCOBRINDO GOIÁS POR MEIO DAS MEMÓRIAS DE EDGARD JACINTHO
Nádia Mendes de Moura
- 473 O VALOR SIMBÓLICO DA PAISAGEM: A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E PODER NA
COLONIZAÇÃO DA CIDADE DO MÉXICO
Ana Paula Santos Salvat
- 496 O NOME DOS LUGARES E SEUS POVOS ESQUECIDOS: A TOPONÍMIA E OS CONFLITOS ENTRE
TERRITORIALIDADES NA FORMAÇÃO DE CACONDE/SP
Marjorie P. Junqueira de Faria
- 523 TAMANDUATÉI E A VILA DE PIRATININGA: NARRATIVAS SUBMERSAS
Berta de Oliveira Melo
- 538 O REDESCOBRIMENTO DA IBERO-AMÉRICA: ARTICULAÇÕES ENTRE ARQUITETURA, ARTE
E CULTURA NAS NARRATIVAS DE ANGEL GUIDO
Leonardo Faggion Novo
- 558 AMEREIDA. AMÉRICA COMO ACIDENTE
João Serraglio

- 579 UM TERRAÇO E UM JARDIM NA CASA VILAMAJÓ: REFLEXÕES SOBRE
A MODERNIDADE APROPRIADA
Claudia Virginia Stinco
- 612 NARRATIVAS E SIGNIFICADOS DE UMA PAISAGEM CAPITAL: BRASÍLIA. UMA LEITURA
DO ROMANCE DE JOÃO ALMINO: SAMBA ENREDO
Ana Carolina C. Stretetcki
Ana Elisabete A. Medeiros
- 633 ITINERARIOS BRASILEÑOS DE JOAN PONÇ
Margareth dos Santos
- 661 FIGURAÇÕES DA CIDADE LATINO-AMERICANA: AS REPRESENTAÇÕES DE SÃO PAULO, LIMA
E BOGOTÁ NA LITERATURA (1940 - 1970)
Mariana Costa Pamplona
Ana Claudia Veiga Castro
- 676 MONUMENTOS BANDEIRANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO
Thaís Chang Waldman
- 694 PLANOS, PRÁTICAS E PROJETOS: RELATOS DE ESPAÇO DO SAMBA SOBRE AS REFORMAS
URBANAS PAULISTA E CARIOCA (1938-1945)
Bruno Ribeiro S. Pereira
- 715 A CONSTRUÇÃO NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE DISPUTA SOCIOTERRITORIAL
NA CRACOLÂNDIA
Camila Campos Almeida

III - AS CIDADES E A NAVEGAÇÃO DAS IDÉIAS

- 738 LINGUAGEM JURÍDICA E O URBANO NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE
DECOLONIAL SOBRE INTERDISCIPLINARIEDADE
Julia de Moraes Almeida
- 750 VAMOS CRIAR CAMINHOS? METODOLOGIA DE PARTICIPAÇÃO INFANTIL PARA A LEITURA
E TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR
Maya Neves M. Araújo

- 777 CONSTRUÇÕES DE MUROS FÍSICOS E SIMBÓLICOS: ESPAÇOS, EXPRESSÕES E FIGURAÇÕES DO MEDO EM HISTORIA DEL MIEDO (2014)
Suelen Caldas S. Simião
- 795 A SÃO PAULO DE MÁRIO, FLUSSER E PERSON: LEITURAS DE UMA METRÓPOLE DEFASADA
Lucas Bandos Lourenço
- 816 ESPAÇOS INCIVILIZADOS: PRÁTICAS CULTURAIS E POPULARES LIGADAS AO MUNDO MODERNO
Juliana Villela Junqueira
- 837 IMAGINAR O PASSADO, COM SAUDADE DO FUTURO
Marta Bogéa

IV - VIAGENS: RELATOS E ICONOGRAFIAS

- 863 NARRATIVAS SOBRE O RECÔNCAVO: ENTRE CACHOEIRA E SÃO FÉLIX, ENTRE PALAVRAS E FOTOGRAFIAS
Eduardo Oliveira Soares
- 893 O OLHAR DOS VIAJANTES: UMA LEITURA DA PAISAGEM DA VITÓRIA DO SÉCULO XIX
Beatriz Mourão Barcelos
Nelson Pôrto Ribeiro
- 920 ENTRE A ACADEMIA E A ESTRADA: A VIAGEM AMERICANA DE VILANOVA ÁRTIGAS
João Sodré
- 945 A PAISAGEM DA VIAGEM E A NATUREZA DA RAZÃO
Euler Sandeville Jr.
- 966 A ALTERIDADE AMAZÔNICA NOS RELATOS DE VIAGEM DE EUCLIDES DA CUNHA (1904-1906): ENTRE “A PÁTRIA SEM A TERRA” E “A TERRA SEM A PÁTRIA”
José Bento de Oliveira Camassa
- 1005 CIDADE PALIMPSESTO: O RESGATE DA PAISAGEM DE UM ESPAÇO QUE SE REALIZA, ACUMULA, SUPERPÕE E TROCA DE SIGNIFICADOS
Bruna Cristina Bevilaqua

V - CARTOGRAFIA, DESENHO E PALAVRA

- 1036 LUGAR, VIVÊNCIA E PROJETO: NARRATIVAS PARA O DESENHO EM ÁREAS PRECÁRIAS
Marina Grinover
- 1059 RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM TRÂNSITO: CARTOGRAFANDO MARIO DE ANDRADE,
ARQUITETURA E CIDADE
Volia Regina C. Kato
Maria Isabel Villac
- 1082 O DESASTRE DE GOIÂNIA COM O CÉSIO 137: CARTOGRAFANDO MEMÓRIAS
OU ESQUECIMENTOS?
César Bastos M. Vieira
Laura Carvalho Nunes
Diogo Vaz da Silva Júnior

VI - TRADUÇÃO E TRÂNSITO ENTRE LINGUAGENS

- 1104 SOBRE ESPAÇOS E NARRATIVAS: A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE MEMÓRIA, CULTURA
E TRANSMUTAÇÃO
Eneida de Almeida
Myrna A. Nascimento
- 1120 A CIDADE (D)ESCRITA À EXAUSTÃO: DO INVENTÁRIO URBANO CHAMADO
COMÉDIA HUMANA, AO ESGOTAMENTO DE UM LUGAR PARISIENSE.
Joana Barossi
- 1149 METACIDADE: BRASÍLIA LIDA POR HAROLDO DE CAMPOS
Alexandre Benoit
- 1168 ARQUITETURA COMO LITERATURA: ASPECTOS DE UMA LINGUAGEM EM COMUM
Flavio de Lemos Carsalade
- 1197 CIDADES ESCRITAS. TEXTOS HABITÁVEIS. - VISUALIDADE E LUGAR LITERÁRIO NA PAISAGEM,
CIDADE E ARQUITETURA
Patricia Andrea S. Osses

NARRATIVAS E SIGNIFICADOS DE UMA PAISAGEM
CAPITAL: BRASÍLIA
UMA LEITURA DO ROMANCE DE JOÃO ALMINO: SAMBA-ENREDO

*Ana Carolina Canuto Stretetcki, Doutoranda do Programa de Pós graduação/
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Universidade de Brasília (UnB),
Laboratório de Estudos da Urbe (LabeUrbe)*

INTRODUÇÃO¹

As referências afetivas de uma paisagem tem, por meio de narrativas literárias, um modo de representação, capazes de nos fazer compreender uma realidade com significados, de uma relação entre as práticas sociais e seu meio ambiente.

Assim pelo viés literário, o exercer de uma subjetividade da paisagem de uma cidade se conecta a algo que nos liga a ela. A linguagem das narrativas literárias mostra uma visibilidade mais sensível das paisagens e faz com o que o leitor passe a perceber o espaço na visão do escritor experimentando os mesmos sentimentos, sonhos e valores agregados pelos personagens destas paisagens.

¹ Este artigo é parte de pesquisa de doutorado, em andamento no Programa de Pós graduação/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Universidade de Brasília (UnB), Laboratório de Estudos da Urbe (LabeUrbe).

Esta percepção pela narrativa literária dos espaços de significados, resultantes da relação homem/natureza, converge com a definição do que hoje no âmbito da preservação é discutida - Paisagem Cultural. Definida como a interação do homem com a natureza dando-lhe sentidos e valores de forma singular, tendo sido estabelecida, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 1992, como uma de suas categorias de bens patrimoniais. No Brasil, a portaria do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, nº127/2009 instituiu a paisagem cultural em 2009.

A visão patrimonial trazida não é mais a segmentada que se preocupava com valores de forma distinta entre o cultural e o natural. Todavia, ainda muito se debate sobre a complexidade desta interação.

A literatura se mostra como um modo perceptivo da experiência de uma paisagem cultural traduzindo em escritas, narrativas que trazem à tona definições de forma conjunta entre natural e cultural no meio urbano.

Foi a Ciência Geográfica quem, a partir do final do século XIX, apresentou maior contribuição no entendimento de como se dá a leitura de construção da paisagem. Luchiari (2001) nos explicita que para a geografia cultural a materialidade da paisagem é moldada pelo sentido dado pela sociedade a este meio. Este apreensão “consolida o movimento humanista atual”, tendo a paisagem como “representação espacial das atividades sociais, em suas manifestações materiais e subjetivas”.

Lima (2000) defende que a percepção literária de uma paisagem geográfica transmite um cenário dinâmico em vez de uma “matéria inanimada”, pois o escritor, ao narrar as paisagens, acrescenta a elas suas experiências, percepções e imagens. Assim a obra literária para a geografia é um recurso a mais para o entendimento complexo das relações espaciais, de maneira que os estudos sobre o espaço vivido

venham demonstrar os atributos das “paisagens para as sociedades e indivíduos, não sob uma forma mecanicista, mas integrada, orgânica”.

Isso não quer dizer que venha a substituir a análise científica do real, mas que pode e deve ser vista como contribuição adicional na percepção homem-natureza. Frémont (1980) acrescenta que a percepção dos espaços vividos é reveladora para uma redescoberta de um lugar, de forma a “captá-la onde ela existe, vista pelos homens” .

Na História Cultural, na década de 1990, a cidade passa a ser vista como objeto de reflexão, “a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”. Trata-se de um campo onde se investigava as representações da cidade, considerando o imaginário “criado sobre ela”².

Além do espaço físico existente no modo de dizer literário, se lê também um espaço vivido que confere significados de fenômeno cultural encontrados nos seus personagens, na interação com os espaços, nas manifestações culturais, nas músicas, nos comportamentos. “Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo”³.

João Almino literário, embaixador, acadêmico da Academia Brasileira de Letras, escreveu sete romances ambientados em Brasília, entre eles *Samba-enredo*, onde Brasília é o espaço narrado entre descontentamentos, amor, carnaval e tons de uma capital. O carnaval estava acontecendo em Brasília quando o presidente, Paulo Antônio Fernandes desaparece, os fatos da estória estão contidos num computador da amante - Ana, escritos por ela própria. A partir da cena do desaparecimento do presidente, os fatos vêm à tona, mas de uma forma inusitada, os arquivos digitais criam vida pelo narrador-

2 (PESAVENTO, 2007: p.15).

3 (IDEM: p.14).

computador com ‘codinome’ de ‘Gigi’, que conta com uma coautoria transcendental - um fantasma chamado Sílvia (filha do presidente) para recontar e desvendar toda a memória contida no HD. ‘Gigi’.

A capital do país é o nosso objeto de pesquisa, estudado a partir do conceito de paisagem cultural, contudo percebidas de forma subjetiva, através de um romance. Analisaremos como a paisagem da capital é interpretada pelo autor, e qual a impressão a partir desta leitura. Para isto, é importante o embasamento teórico para este objetivo.

Assim estruturamos o artigo em três partes: 1- Brasília e Paisagem Cultural; 2- Narrativas e Significados de Paisagem Capital; e 3-Paisagem Brasileira em *Samba-enredo*, a partir desta análise traremos as considerações finais.

1- BRASÍLIA E PAISAGEM CULTURAL

Discutimos a cidade de Brasília, a partir do conceito de Paisagem Cultural. Acreditamos que a paisagem nela percebida não diz respeito apenas à carga simbólica política, arquitetônica e urbanística como cidade capital, racional, moderna e monumental. O Conjunto Urbanístico de Brasília foi estruturado em escalas urbanas (residencial, monumental, gregária e bucólica), uma das razões que fundamentaram sua inscrição na Lista do Patrimônio da UNESCO⁴ e a esta estrutura incorpora-se o valor excepcional por sua repre-

4 PORTARIA Iphan Nº 166, DE 11 DE MAIO DE 2016: Art. 4º O valor histórico do CUB foi reconhecido pela UNESCO, se expressa nos seguintes fatos: *I. constitui obra-prima do gênio criador humano, ilustrativa de um estágio significativo da história da humanidade; II. constitui o principal artefato urbano produzido no século 20, em consonância com os princípios urbanísticos e arquitetônicos do Movimento Moderno; III. constitui exemplar urbanístico excepcional e de impacto para a história do urbanismo; IV. constitui acervo arquitetônico excepcional e de impacto para a história da arquitetura; V. constitui fenômeno geopolítico e social de grande desdobramento para a >*

sentatividade material, no entanto à capital confere uma forma que vem sendo a cada dia apropriada como espaço de experiências e vivências e que, por sua vez possuem valores imateriais intrínsecos a ela. O olhar sensível experimenta a materialidade e imaterialidade dos lugares. As percepções literárias nos dizem sobre espaços vividos que são suscetíveis ao afeto literário.

A Brasília inicialmente representada na literatura era a cidade vista de fora, sobre a qual ainda pesava o estigma de cidade modernista, planejada. Mas é na sua transição de cidade projetada e construída para uma cidade vivida que ela se aproxima do entendimento do conceito de paisagem cultural. Cotidianamente vivida, na relação entre cultura e natureza, a capital federal tem no seu espaço possibilidades de construção/inspiração a partir da contemplação da paisagem, percebida em seus significados e representada por meio de uma literatura realizada de dentro, por quem a vive e habita.

Luchiari (2001) coloca a importância de compreender a morfologia da paisagem dada pelas práticas sociais, representando uma materialidade que lhe dá novas funções, valores, que nos dizem sobre as regiões, os territórios, a cidade e sua estrutura social.

Se as paisagens forem apreendidas separadamente constituem um “vetor passivo” e, se consideradas junto ao valor social tornam-se espaço - “processo ativo da dinâmica social”:

Tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história. A

> *história brasileira;VI. constitui o marco da concretização do processo secular de interiorização do país; e,VII. constitui ação grandiosa da sociedade brasileira integrada a uma estratégia de desenvolvimento e autoafirmação nacional para o mundo.*

paisagem é materialidade, [grifo nosso] mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas .

Em outras palavras, é por meio da prática social que a dimensão cultural da paisagem se mostra, o imaterial se manifesta em elementos materiais, neste caso, na paisagem.

Esta amarração do patrimônio material e imaterial ainda é alvo de discussões entre pesquisadores. Santos (2000) esclarece que para que haja uma relação social é preciso um suporte físico, o recurso natureza é tomado pelo homem e transformado em valor. “(...) a Natureza é hoje um valor, ela não é natural no processo histórico, ela é social (...) se são naturais não são recursos, e para serem recursos, têm que ser sociais”.

Medeiros (2002) enfatiza a indissociabilidade entre os conceitos de patrimônio material e imaterial “que parece ainda mais forte e verdadeira quando se pensa em termos da manifestação urbana do patrimônio cultural”. Fonseca (2007) nos fala que não há manifestação cultural unicamente imaterial, pois para ela os bens imateriais se definem em práticas tangíveis, ou seja, as culturas se fazem conhecidas, de forma única, pelos seus elementos materiais.

Neste contexto, percebe-se que a força deste argumento cria tons ainda mais fortes no debate de Paisagem Cultural, ao envolver a relação da prática social e sua materialidade na paisagem, onde a natureza dialoga com a cidade.

Brasília foi inspiração para o romance do escritor João Almino: Samba-enredo (2012), tendo em foco esta obra investigaremos como este autor representa a cidade, como ele vê a paisagem (experiências, imagens) e dela se inspira, que valores são referidos a partir de sua paisagem, procuraremos analisar em seu romance se a interação de seus personagens com a capital – paisagem urbana confere valores de Paisagem Cultural.



Figura 1. Brasília vista de cima. Fonte: www.joanafranca.com/aeacutereas.html. (Acesso: Março 2019).

2- NARRATIVAS E SIGNIFICADOS DE PAISAGEM CAPITAL

Os traços do urbanismo, as formas da arquitetura, a natureza, os modos de sua organização, os atributos próprios da vida social, política, econômica e cultural, são acolhidos na paisagem da cidade e percebidos nas emoções e sentimentos expressos em romances, mistérios, contos, crônicas, poesias e ficção. A literatura nos dá, então, acesso às experiências urbanas de centros, sejam eles capitais, históricos, patrimônios ou monumentos, lócus de tradições descritas por uma sensibilidade que formula imagens, memórias de paisagens urbanas e que delas nos aproximam.

Na leitura do espaço vivido temos, como protagonista de uma paisagem urbana, a cidade experimentada pelo povo que nela habita. Os elementos da cidade passam a ser geradores de sentidos, marcados por experiências narradas de forma conjunta que nos dão significados de paisagem capital e cultural.

Brasília com seu signos e sentidos: de funções distribuídas em amplos espaços livres; lazer de áreas verdes; zoneamento de funções: espaços abertos em tornos das volumetrias, foi planejada para abrigar o status de capital do país. Ao pensarmos em uma capital sede ela representa a função governamental, seu tipo histórico, sua arquitetura e urbanismo e, portanto a representatividade de um país dada pela visibilidade que extrapola suas fronteiras e moldam a sociedade que nela vive.

De acordo com Shelekpáyev (2015), a cidade capital é um espaço diferenciado das demais cidades, pela origem e concepção. Elas são ‘fundadas, designadas e até movidas’ e tem sua função refletida no território. A sociedade que dela participa também possuem características próprias, pela função inerente a um Capital, representada por políticos, empregados do serviço público e estrangeiros de outros países para as relações internacionais, intitulada de ‘casta especial’ (*a special caste*) que diverge do restante do país.⁵

Brasília é uma paisagem urbana, construída para representar a nação - significado de capital resultante do agenciamento do homem sobre o espaço natural, configurando um modo próprio de viver em sociedades.

Perceber Brasília é estar em consonância com o seu modo de ser, é sentir a forma como a sociedade experimenta e apropria-se da paisagem capital.

5 (SHELEKPAYEV, 2015: p.216): *Capital cities are distinct spaces, and their origins and conceptions differ from those of other cities. While non-capital cities emerge or evolve from industrial, logistical, trade, or worship sites, capital cities are founded, designated, or moved. While the majority of cities develop gradually, capital cities are often created by a planner and possess a more uniform vision of their urban plan than other urban territories (...). People who inhabit capital cities are different too: as capitals normally host the state bureaucracy, political and cultural institutions, as well as some private sector offices, expats, and foreign representatives, capital cities' inhabitants may form a special caste not found in the rest of the country.*

A paisagem urbana não é apenas o de ambiência e fundo, mas é a natureza que foi transformada e materializada em cidade, como nos fala Pesavento:

(...) a cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural.

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo.⁶

A pulsação da cidade é guiada pelo contorno de seu espaço, intrínseco ao povo que nela habita. A complexidade desta interação é percebida e traduzida em escrita nas narrativas e trazem à tona definições de forma conjunta entre natural e cultural no meio urbano:

A literatura aparece como fonte privilegiada: ao promover a formalização ou redução estrutural dos dados externos, como

6 (PESAVENTO, 2007)



Figura 2. Brasília vista de cima. Fonte: www.joanafranca.com/aeacutereas.html. (Acesso: Março 2019).

ensinou Candido, ela abre ao pesquisador a possibilidade de, por meio dessa fonte particular, qualificar a vida nas cidades. (...) Desse modo, ao recorremos à literatura, abrimos as portas para a compreensão daquela cultura que dá e toma forma num espaço urbano determinado - para além da sua própria materialidade, nas suas representações contemporâneas.⁷

Será que o literário encontra as motivações para perceber os significados de uma Paisagem Cultural na cidade de Brasília? Procuraremos no próximo item investigar qual reconhecimento de paisagem é dado pela obra de João Almino.

7 (CASTRO, 2016) .



Figura 3. Espaço da Torre de TV de Brasília. Fonte: <http://screamyell.com.br/site/2017/07/02/em-brasilia-picnik-festival-2017/> (Acesso: Março 2019).

3- PAISAGEM BRASILENSE EM SAMBA-ENREDO

Após a apropriação dos conceitos esta parte compreende a revelação das paisagens brasileiras, ou seja a representação do espaço narrativo constantes nas obras de João Almino. Estes espaços configuram o conceito estudado de paisagem cultural?

Assim assinalaremos os espaços que trazem uma memória coletiva reconhecível de paisagem cultural brasileira em sua obra, auxiliados pelos conceitos de paisagem cultural e da leitura literária construída neste artigo.

Samba-enredo nasce em um contexto onde a tecnologia avançava e o computador ocupava o espaço das máquinas datilográficas, mas com o ‘ganho’ da internet. Os personagens giram em torno do desaparecimento de Paulo Antônio Fernandes, o primeiro presidente negro do Brasil e situa os personagens com a política, com os monumentos da capital, com a vegetação do cerrado, e ainda com romances

e desilusões. A personagem Ana se utiliza do computador na expectativa de escrever anotações do seu caso amoroso com o presidente, para um futuro romance. Porém, tempos depois, na tentativa de Ana deletar os arquivos em virtude do desaparecimento do presidente, a ‘máquina-narradora’ se volta contra a vontade de Ana e se incute em contar a ‘verdade histórica’, e nestas narrativas (re)conhecemos a geografia do lugar que nos remete à capital.

Todavia Almino desenvolve uma narrativa além dos monumentos da cidade, ambientados nas paisagens, contando das festas, mas também dos conflitos sociais, das relações políticas e do amor proibido de forma a passar para o leitor as experiências e significados da paisagem capital para o leitor.

A literatura estabelece relações com o leitor na produção de sentido, de forma a acessar outras verdades. Como nos diz Compagnon a “literatura é uma exercício de pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis”⁸.

Nesta ‘experimentação’, ao ler os textos da paisagem de Almino, conseguimos perceber os significados da paisagem urbana que narra a Brasília que se torna “pequena” diante da “imensidão do céu”⁹, em meio a sentimentos e emoções de quem a vivencia, o que se

8 (COMPAGNON, 2009: p. 67).

9 A percepção da ‘imensidão’ do céu ao andar por Brasília se dá pelas alturas estabelecidas em cada escala planejada no projeto, e pela visão da linha de cumeeada da bacia do Lago Paranoá.

Aqueles que por esta cidade passam ou vivem, não deixam de perceber a imensidão azul e se encantar com o seu emolduramento. (...) Está na música da cantora Simone, composição de Toninho Horta, Céu de Brasília “(...) como o azul sem manchas do céu do planalto central e o horizonte imenso aberto sugerindo mil direções”. Inspirou os cantores Djavan e Caetano Veloso, Linha do Equador: “(...) esse imenso, desmedido amor vai além que seja o que for passa mais além do céu de Brasília”. É do projetista da cidade, o arquiteto e urbanista Lucio Costa a frase: “o Céu é o mar de Brasília”. (STRELETCKI & MEDEIROS 2018: p. 7).

aproxima da paisagem explicitada por Berque “matriz”, no qual “sentimentos, ideias e valores são reproduzidos”:

No sonho me distraio. E distraída percebo, ao longo, no céu imenso, que cobre uma Brasília minúscula com seu manto cor-de-rosa em cima do vasto azul, a silhueta de um homem nu, rasgando papéis. (...)

O resto do céu permanece azul e rosa, riscado aqui e ali de meteoros caindo. Fixo-me nas faíscas e, por fim, nos traços cansados do personagem iluminado pelo incêndio. E aí já sinto um ardor por dentro.¹⁰

No capítulo *A imagem do Conjunto do Samba-enredo* o espaço tem as cores de Brasília, a temperatura, a festa, os elementos da cidade planejada e nomeada pelo códigos que separam as ruas em setores, como a W3, os eixos, mas também presente pelo cerrado dos “galhos nus”, “contorcidos” com significados de “tormenta”:

Em Brasília, até parece a estação seca. Ninguém imaginaria que está por vir a tormenta. Nenhuma nuvem. Galhos nus, contorcidos, beiram os eixos.

Mas o sítio de Eva, a irmã do presidente, está bem verde. (...) Ela passa o carnaval sozinha e triste. (...) Desiste do desfile. À tarde caminha sozinha pelas imediações da W3, passa pelos eixos, mas como se pressentisse o que aconteceria com o irmão, não quer se acercar do galpão do samba nem do palanque montado para ele. (...)

10 (ALMINO 2012: p. 19.20).

Com esse prefácio transposto e esclarecidas as dúvidas com Silvia, já me sinto rápido no estádio bem lotado de passistas logo antes do desfile.(...)

Na primeira imagem, de conjunto, esta continua a ser o país da dança e da esperança, mas também da cachaça e da desgraça. E não é verdade que a malandragem tenha acabado.¹¹

Ainda no mesmo capítulo, o carnaval é tema e palco também para os migrantes que trazem seus ritmos oriundos de suas cidades natal e, ao mesmo tempo, de crítica às mazelas sociais. E, em meio à alegria e dança sobressaem os problemas sociais pelo “abandono”, pelo “vício” pela “precocidade” retratando que na festa “tudo se dá um jeito” com conotações que chamaríamos de um “mundo real”:

Ouve-se a voz mansa do caboclo e a musicalidade da língua. Vê-se a ginga. A massa pobre e escura, ganhando as ruas, enfeita com nobreza o seu abandono. Persistem o ócio, o vício da maconha, a precocidade das meninas, a informalidade do trato, a inventividade e, como filosofia de vida, a alegria. A África está no sangue e espalha o samba por toda parte. E como se dança com arte, requebrando! Nada funciona, e a tudo dá-se um jeito. (...)¹²

Um “mundo real”, de “materialidade visível” que nos faz perceber que estamos diante de um “fenômeno urbano”. Uma compreensão de cidade como “sociabilidade” do qual nos fala Pesavento, que:

11 (ALMINO 2012: p. 28,29).

12 (IDEM: p. 30).

*comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo.*¹³

No capítulo 15 - *Do Cristo àquela coisa rara*, a descrição da forma arquitetônica é representada pelo Congresso, Torre de Televisão, Lago Paranoá, Catedral, obras de Brasília junto ao “brilho do Lago Paranoá” e conferem significados de uma paisagem urbana. Entendemos esta percepção de paisagem integrada, imaginada e de sentimentos, de um espaço vivido.

Ainda é noite clara. A lua cheia ilumina as nuvens velozes e solitárias, que tangidas pelo vento, fogem daquelas mais densas que chegam para ficar. A cidade se descortina por sobre o brilho do Lago Paranoá. Bem em frente vê-se o Congresso, a torre de televisão e o perfil do setor bancário.

*Diante do convite de Paulo Antônio, e mesmo já tendo concordado em encontrá-lo no sítio, Ana não sabe o que fazer. Sente o risco. (...) Refugia-se na catedral, um paraíso de sossego em meio à balbúcia do carnaval.*¹⁴

A paisagem urbana descrita por João Almino nestes trechos extraídos de sua obra são capazes de ‘conferir sentido’ aos seus personagens, como nos diz Pesavento:

Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar

13 (PESAVENTO, 2007: p. 14).

14 (ALMINO 2012: p. 62).



Figura 4. Carnaval no Eixos de Brasília. Fonte: <http://ensaiosdeviagem.com/o-carnaval-de-brasilia/> (Acesso: Março 2019).

sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar.¹⁵

Em um outro trecho, *História do Brasil para boi dormir*, a personagem Ana está em sua casa pensando no encontro com o presidente. Tal trecho traz ao nosso imaginário, uma leitura de paisagens que remetem à nossa memória e uma representação literária e artística do mundo visível: a intensidade da “luz” comum à cidade de Brasília, “vegetação”, “jardim”, “curvas” dos símbolos significantes da paisagem brasileira:

Já em casa, senta-se no vão central, jardim interno com muita vegetação e sob intensos focos de luz, projeto de um seguidor

15 (PESAVENTO, 1999: p.10).

*de Burle Marx, e fica a meditar no que deve fazer, ainda tentada a ir ao encontro de Paulo Antônio. Seria terrível passar uma noite de carnaval sozinha. As curvas suaves dos volumes de concreto, exemplo típico da arquitetura moderna, relaxam os músculos da sua mente.*¹⁶

No mesmo capítulo, a descrição da paisagem, arquitetura e música vincula-se ao cotidiano de quem vive a paisagem de Brasília, relacionando-se com os monumentos, com os elementos naturais e manifestações culturais, se apropriando do lugar.

*Pelas enormes janelas de vidro do quarto se espalham para os lados a longa faixa de água, o lago Paranoá e, acima dele, na paisagem escura, as duas asas. Vê-se, de um lado, a última ponte construída. Do outro, a península do alvorada. Bem em frente, o Congresso. Dos céus, caem fogos de artifício, como lágrimas coloridas. O vento forte às vezes sopra o som de atabaques e bumbos. Ana liga a televisão, onde passam cenas de carnaval de rua. Esconderia de Eduardo onde estivera. Diria, se preciso, que vira, de longe, o desfile*¹⁷.

Apontamos uma parte do texto com os registros de Ana, entre sentimentos, paisagem e memória. O “céu imenso” mais uma vez referencia a contemplação que se tem de todo lugar de Brasília e que testemunha as práticas sociais na capital. A cor verde dos espaços livres do urbanismo moderno estão presentes nas narrativas de Almino e contrastam com a volumetria branca da arquitetura da

16 (ALMINO 2012: p. 81).

17 (Idem: p.82).

cidade. A paisagem aparecem em forma de sentimentos “o choro do mundo escorrendo pelos rios”:

Num quarto do hotel Nacional, onde se refugiara, Ana registra, por sua vez, pensando em passar depois a limpo, em seu micro, aquilo que presenciou. Está de ressaca ou fossa. (Por isso ponho aqui o ritmo suave da bossa nova).

Logo mais ela abre a cortina e a janela. Um vento suave acaricia seu rosto. O céu, imenso, com sol amarelo, olha-a severo. Cruzando-o, o avião - pequeno, silencioso - aumenta sua solidão.

O azul abraça a cidade branca, onde os tanques, ao menos momentaneamente, restabeleceram a ordem.(...)

Até as almas o sol acalenta. As árvores se esverdeiam. O barro vermelho ainda brilha. Numa bandeja chapada, expõe os galhos, as folhas... e o choro do mundo escorrendo pelos rios.¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura das paisagens brasilienses de Almino, nos deparamos com o significado de paisagem capital e que estabelecem uma relação entre sujeito/paisagem. Paisagem urbana produto do ‘engenho do homem’ em harmonia com o Lago Paranoá, e espaço de práticas sociais, de conflitos, de festas, de sentimentos que exprimem um espaço vivido alterado pela cultura humana que a ocupa.

A cidade narrada de Brasília foi percebida pelos seu signos e significados de paisagem capital, como também pelos personagens políticos, pelas diferenças de classes e pela descrição dos elementos da paisagem brasiliense e das práticas ali percebidas de forma a não

18 (ALMINO , 2012: p. 201).

segmentar o sentido natural do cultural, mas expressos de forma única e compreendida como um ambiente único paisagem/homem.

O nosso artigo trouxe uma análise subjetiva a partir da paisagem do autor João Almino, de forma que a interpretação sobre o espaço narrado de Brasília transmitiram experiências contadas pelos personagens em uma paisagem capital e cultural.

O diálogo entre as áreas patrimônio e literatura, nos permitiram compreender melhor esta ampla e complexa relação que envolvem todas as questões decorrentes sobre as dimensões material/imaterial, cultural/natural, de forma conjunta, como narradas a partir de paisagens literárias.

*Nossa visão a respeito desses lugares passa a se associar com a visão do escritor e permite que nossa consciência seja aguçada, ampliada, renovada pelo conhecimento recém-adquirido. Por meio deste novo saber, criamos uma visibilidade para os lugares descritos e/ou vividos, baseada na informação e na emoção secundárias, mesmo que estes tenham pouca ou nenhuma significância visual e, que na maior parte das vezes, passem despercebidos, ao estarem inseridos num contexto paisagístico mais amplo e de maior significado. A visibilidade destes lugares é assegurada pelo escritor, ao transcrevê-los intimamente ligados aos estados de alma, aos sentimentos, sonhos e ritmos das atividades humanas no quotidiano, através dos seus personagens.*¹⁹

19 (LIMA S.T., 2000: p.31).



Figura 4. Brasília. Fonte: Do céu, Brasília. Bento Viana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMINO, João. *Samba Enredo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marcam Paisagem-matriz. Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: *Paisagem, tempo e Cultural*, por Roberto Lobato CORRÊA e Zeny (orgs.) ROSENDHAL. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. “Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana.” *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 2016, V. 04 N°23 ed.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio cultural: por uma abordagem integrada - (considerações sobre materialidade e materialidade na prática da preservação). In: *Caderno de Estudos do PEP*, edição: COPEDOC/IPHAN-RJ, 69-73. 2007.

FRÉMONT, Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

- IPHAN. PORTARIA n° 127, de 30 de abril de 2009.
- _____. PORTARIA N° 166, de 11 de maio de 2016.
- LIMA, Solange Terezinha de. “Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem.” *GEOSUL*, jan de 2000: 7-33.
- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (RE) Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In: *Paisagem, imaginário e espaço*, por Zeny ROSENDAHL e Roberto Lobato CORRÊA, 9-28. Rio de Janeiro, RJ: EDUERRJ, 2001.
- MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. *Materialidade e Imaterialidade Criadoras: O Global, o Nacional e o Local na Construção do Patrimônio Cultural - O Bairro do Recife como Caso*. Tese de Doutorado. Brasília: PPG Sociologia. UNB, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Edição: *Revista Brasileira de História*. Junho de 2007.
- _____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Vol. 15. 29 vols. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, 1999.
- SANTOS, Milton. *Território e Sociedade - entrevista com Milton Santos*. ED Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SHELEKPAYEV, Nari. Some Considerations on the Historiography of Contemporary Capital Cities: Toward a Transnational Approach? . *Identity, Nation, City: Perspectives from the TEMA Network*, April de 2015: 203-218.
- UNESCO. Recomendações sobre a Paisagem Histórica Urbana. 36a Conferência Geral da _____. 2011. http://psamlisboa.pt/wp-content/uploads/2014/03/UNESCO_RECOMENDACAO.pdf (acesso em MAR de 2019).